

A NOVA VOZ DO POLICIAL NÓRDICO • 3 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS



A MENINA QUE MORREU

«Um thriller intenso e envolvente. Ragnar Jónasson é um poeta da escuridão e do frio.» *The Times*



TOP
SEL
LER

RAGNAR JÓNASSON

Dorme, pequena Thrá,
dorme um sono de encantar,
sonhando com terras douradas
do outro lado do mar.

Thorsteinn Th. Thorsteinsson
[1879–1955]

Una acordou sobressaltada.

Abriu os olhos, mas a escuridão que a oprimia não lhe permitiu vislumbrar o que quer que fosse. Num momento de pânico, não conseguiu perceber onde estava, embora algo lhe dissesse que se encontrava num lugar estranho, e não em casa. Ficou hirta de pavor. Sentia tanto frio... Ao que parecia, tinha arremessado a roupa da cama para o chão com os pés, e o quarto estava gelado.

Soergueu-se devagar e experimentou uma tontura momentânea, mas que não tardou a passar quando se lembrou do sítio onde se encontrava.

Em Skálar, na Península de Langanes. No pequeno sótão. Sozinha.

E, depois, soube o que a tinha acordado. Ou pensou saber... Era-lhe difícil separar o sonho da realidade, estando os seus sentidos ainda a deambular na fronteira vaga entre o sono e o despertar.

Ouvira qualquer coisa. Mas o quê? À medida que a memória lentamente regressava, Una sentia a pele dos braços a arrepiar-se. Era uma voz sonora e aguda — a voz de uma menina, assim lhe parecia. Exato, nesse momento Una escutava-a uma vez mais na sua mente: uma menina a entoar uma canção de embalar.

Sem suportar ouvi-la muito mais, levantou-se e cruzou o quarto em passos trôpegos para alcançar o interruptor da luz. Uma vez mais, amaldiçoou o facto de não ter um candeeiro à cabeceira. Teve, no entanto,

um momento de hesitação antes de acender a luz, receando aquilo que a ausência de sombras podia revelar.

A voz aguda reverberava na sua cabeça de um modo sinistro, mas ela não conseguia perceber o que dizia a canção da menina. Devia ter sido um sonho, por muito real que lhe tivesse parecido.

De súbito, algo estalou ruidosamente, seguindo-se um tinido e uma dor lancinante no pé, que a fez cambalear e cair bruscamente de joelhos. Mas que diabo...?

Conteve um grito a custo, apenas para constatar que tinha pisado o copo de vinho, deixado no chão antes de ela se deitar nessa noite. Ao passar os dedos trémulos pelo pé, detetou um estilhaço de vidro lá cravado, sentindo algo quente e húmido a escorrer da ferida. Extraiu o vidro cautelosamente. A dor foi excruciante.

Precisou de apelar a todas as forças para se reerguer, Tateando a parede à procura do interruptor, até finalmente dar com ele e acender a luz. Quando o quarto se iluminou, Una lançou uma olhadela rápida à sua volta, quase esperando descortinar um pequeno vulto naquele espaço, enquanto dizia a si própria que era tudo fruto da sua imaginação: a voz não fora real, a canção de embalar era uma mera ilusão, uma partida criada pela mente adormecida.

Regressou à cama a coxear, sentou-se e levantou o pé para ver a ferida, que felizmente não parecia tão grave como ela receara. Nesse momento, já segura de estar sozinha, Una sentiu o seu batimento cardíaco a abrandar, a regressar ao normal.

Então, muito repentinamente, as palavras da canção da menina surgiram-lhe de novo:

Dorme, pequena Thrá,
dorme um sono de encantar...

O seu corpo foi percorrido por um calafrio.

PARTE I

Vários Meses Antes

I

Precisa-se de professor no fim do mundo.

Una voltou a ler aquele título insólito.

Estava sentada à mesa da cozinha, no seu pequeno apartamento no extremo ocidental de Reiquiavique, onde vivia há quatro meses, depois de, cêntimo a cêntimo, amealhar o dinheiro para a entrada, meramente graças à sua tenacidade. A mãe, a única família que lhe restava, não tivera hipótese de avançar com dinheiro para o empréstimo e, como de costume, Una tivera de se bastar a si própria.

A cozinha não apresentava mudanças consideráveis desde o dia em que ela se mudara. Conservava o seu aspeto decadente e antiquado, com linóleo amarelo no chão, azulejos desmaiados nas paredes e armários em vermelho berrante, os quais, a par do fogão *Rafha* branco, tinham passado de moda há duas décadas, pelo menos. Não havia nada na decoração ou móveis que remetesse para 1985.

Ainda assim, o café sabia bem com um pingo de leite. Depois de se habituar à cafeína na faculdade, Una era incapaz de viver sem ela.

— Não sei, Sara — afirmou ela, tentando esboçar um sorriso para a sua melhor amiga, sentada do outro lado da mesa.

Naqueles dias não existiam motivos para muitos sorrisos. Aquilo que Una ganhava como professora substituta, numa pequena escola na cidade vizinha de Kópavogur, mal lhe dava para pagar as contas, e ao chegar ao fim de cada mês não era garantido que conseguisse arranjar trabalho no mês seguinte. Apesar de ser extremamente poupada, era-lhe sempre difícil ter dinheiro para a prestação seguinte. Resignara-se a comer o peixe mais barato que encontrava, três vezes por semana, pelo menos. Sempre que dava por si a lutar para fazer face às despesas antes de o mês terminar, Una lamentava não ter concluído o curso de Medicina, se bem que, a bem da verdade, não tivesse sido mais feliz se isso tivesse acontecido. Fora necessário passar por um calvário de três anos para conseguir admitir que apenas ingressara em Medicina por ser essa a vontade do pai. Tentara concretizar o desejo dele em lugar de investir no seu próprio sonho. Una jamais poderia vir a ser médica — simplesmente não estava talhada para o trabalho; não o considerava apaixonante. Três anos da sua vida... Tinha feito todos os exames, e com bons resultados, mas isso não bastava. Não lhe despertava qualquer interesse.

— Porque não? Vá lá, Una... Estás sempre a queixar-te de falta de dinheiro. Tu adoras ensinar. E és uma pessoa aventureira.

Como sempre, Sara transpirava otimismo por todos os poros. Naquela manhã de sábado, trouxera a Una um exemplar do *Morgunbladið*, ciente de que a amiga não tinha possibilidade de assinar o jornal. Tinham combinado encontrar-se em casa de Sara nessa noite, para assistirem à transmissão em direto de um concerto de solidariedade a favor de crianças carenciadas em África. Una mal conseguia esperar: era raro o único canal público islandês oferecer um programa tão interessante. E Una adorava música, adorava dançar, sair e divertir-se... Se lhe dessem uma oportunidade, pensou ela com melancolia.

— Mas fica tão longe — argumentou. — Do outro lado do país. Mais longe de Reiquiavique do que isso é impossível. — Voltou a olhar para o anúncio de emprego. — Skálar? Nunca sequer ouvi falar deste lugar.

— É uma aldeia. Um lugarejo, mais propriamente. Mesmo no extremo da Península de Langanes. Olha, eles dizem que precisam de um professor para uma turma muito pequena. E oferecem o alojamento. Isso permitia-te economizares praticamente todo o teu salário. — E Sara acrescentou, após uma pausa: — No princípio do ano, vi uma reportagem na televisão sobre esta aldeia. Só lá vivem dez pessoas.

— O quê? Dez pessoas? Estás a brincar?

— Não. Foi isso que levou a televisão a enviar lá um repórter, o facto de ser a aldeia mais pequena do país, ou algo assim. Nunca me esqueci disso: apenas dez habitantes, de acordo com o último censo. O repórter parecia estar a achar isso divertido. Calculo que isso signifique que vais ter apenas dois ou três miúdos para ensinares.

Embora começasse por não levar a sugestão da amiga a sério, Una já não considerava a ideia assim tão insensata; talvez estivesse ali a oportunidade por que esperava. Nunca equacionara a hipótese de ir viver para o campo. Era uma rapariga de Reiquiavique da cabeça aos pés, criada no pós-guerra num bairro residencial dos subúrbios, numa pequena casa que o seu pai, médico, construíra essencialmente com as próprias mãos. E fora lá que passara uma infância risonha até ao acontecimento que acabou por abalar profundamente a sua vida.

Até então, Una fora feliz, se é que podia fiar-se nas suas memórias; passava as noites claras de verão a brincar com os amigos nas ruas de terra batida, vendo novas casas a germinar por todo lado. Agora que pensava nisso, crescer naquela comunidade circunscrita fora em algo semelhante a viver numa aldeia, ou até numa aldeia de dez almas. As imagens daqueles dias já desaparecidos surgiam-lhe envoltas numa suave névoa de nostalgia: um tempo que jamais seria revisitado.

Ela e a mãe tinham saído de lá e, agora, a casa deles era habitada por estranhos. Una não queria saber quem eram — não tinha intenção de alguma vez lá voltar. Contudo, pensar na minúscula

comunidade em Skálar fizera inesperadamente vibrar uma corda dentro de si, como se lhe tal lhe oferecesse uma forma de recuperar a felicidade da sua infância. Una necessitava desesperadamente de mudar de ambiente.

— Bom, acho que não perco nada em candidatar-me — acabou ela por dizer, sem grande intenção de o fazer. Sobreveio-lhe a visão de fazer um novo começo. Viver à beira-mar, no coração da natureza. — Se fica na Península de Langanes, há de ser junto ao mar, não?

— Claro que sim. É um lugar que depende completamente da pesca. Parece ser encantador, não achas? Viver num ponto tão remoto, sem se estar realmente sozinho...

Uma aldeia de dez pessoas, onde todos se conheciam. Todos, menos ela, corrigiu-se Una em pensamento. De certa forma, continuaria a estar sozinha, ou não? Mas talvez fosse por isso que ela ansiava: solidão sem isolamento. Uma oportunidade para se livrar da sua rotina e fugir da correria da cidade, onde quase tudo o que ganhava se destinava a pagar a hipoteca. Onde ela não tinha dinheiro para se divertir, nenhum homem na sua vida e uma única amiga com quem mantinha ligação, Sara.

— Não sei, Sara. Não voltamos a ver-nos... Só muito raramente.

— Não seas pateta — replicou a amiga com ternura. — Só temos de fazer um esforço para nos visitarmos uma à outra. — E acrescentou: — Para ser sincera, foi por isso que hesitei em mostrar-te o anúncio. Por não querer perder-te. No entanto, continuo a achar que esta é a oportunidade ideal para ti... para um ou mais anos.

Precisa-se de professor no fim do mundo. A honestidade do anúncio era cativante. Não havia qualquer tentativa para esconder o desafio que aquele emprego criava. Perguntou-se sobre quantas pessoas iriam candidatar-se. Se acabasse por avançar, poderia ser a única. E tinha de reconhecer que não havia muito que a prendesse à cidade. É claro que havia Sara, embora, a bem da verdade, não estivessem tão próximas como no passado. Agora que Sara tinha uma família — um marido e uma criança —, parecia ter cada

vez menos tempo para dedicar à amizade de ambas. Una e Sara tinham-se conhecido na escola secundária, porém, ao longo dos anos, a vida conspirara para as enviar em direções diferentes. Una imaginara que essa noite seria um regresso ao passado, quando era habitual as duas ficarem a divertir-se até altas horas da noite. Iriam assistir ao concerto, preparar uns cocktails exóticos e soltar umas gargalhadas. De repente, surgiu-lhe a suspeita horrenda de que Sara estaria a tentar livrar-se dela ao mostrar-lhe aquele anúncio. Se calhar, estava secretamente farta daquela amizade.

Bom, a verdade é que Una não considerava ser assim tão difícil passar um inverno em Langanes longe de Sara. Era a mãe quem ela receava que lhe fizesse mais falta. As duas eram muito chegadas, depois de tudo o que tinham passado juntas, embora a mãe, uma mulher de 57 anos, saudável e em boa forma física, tivesse arranjado um segundo marido, que adorava, há muitos anos. Não, Una tinha de encarar a realidade: a mãe já não precisava que ela ali estivesse todos os dias.

— Seja como for, vamos deixar as coisas como estão, para já — concluiu ela, fechando o *Morgunbladid*. — Posso ficar com o jornal?

— Claro. — Sara levantou-se, com a sua chávena de café já vazia. — Tenho de ir andando, mas o nosso encontro continua de pé, certo? Vai ser divertido, só nós as duas... Uma noite de raparigas em casa. E prometes pensar sobre o assunto? Refiro-me ao emprego. Acho que é mesmo uma coisa à tua medida.

E Una deu por si a pensar que talvez estivesse na altura de avançar e conhecer novas pessoas. Fazer algo inesperado e excitante, para variar, sem se deter demasiado a avaliar as vantagens e os inconvenientes.

— Está bem — acedeu ela, com um sorriso. — Prometo.

II

Era um dia de agosto invulgarmente aprazível e sereno, sem a mais pequena brisa a agitar as folhas, e com o Sol a deixar-se entrever em momentos fugazes e pouco habituais.

Para Una, o mês de agosto era sempre um pouco deprimente. Marcava o término do breve verão islandês, altura em que, após semanas de noites claras, a verdadeira escuridão começava a instalar-se sorrateiramente. No entanto, este ano a sensação era diferente. Una estava nos degraus que davam acesso ao bloco de apartamentos onde a mãe e o padrasto viviam, em Kópavogur. O edifício era tão soturno e decrépito que jamais lhe passaria pela cabeça viver ali. Sentia-se mais feliz na sua pequena casa, na velha zona ocidental, mesmo sendo uma cave. Naquele momento, no entanto, a casa estava alugada a um casal jovem com um bebé.

A mãe de Una acompanhara-a à porta, depois de tomarem o café matinal. Chegara a altura das despedidas, pelo menos por algum tempo.

— Nós vamos lá visitar-te. Sabes que sim, querida. E vai ser apenas um ano, não é?

— É só o tempo do ano escolar, mãe, apenas durante o inverno — respondeu Una —, mas vocês são sempre bem-vindos, em qualquer altura.

Não estava a ser totalmente sincera. Era verdade em relação à mãe, porém, Una nunca nutrira grande simpatia pelo novo marido dela — ou seja, continuava a pensar nele como alguém «novo», ainda que o homem tivesse entrado na vida de ambas há bastante tempo. Havia nele algo que lhe desagradava, sem que ela soubesse definir ao certo o que era.

— E vais dormir nalgum sítio antes de chegares? — perguntou a mãe. — A distância até lá é enorme. Devem ser mais de 700 quilómetros. Se começares a ficar ensonada, tens de parar para descansar. É perigoso conduzires se estiveres cansada.

— Eu sei, mãe — replicou Una, pacientemente. — Vou fazer uma paragem em Akureyri.

Por vezes, a mãe fazia demasiado alarido em torno de coisas insignificantes. Queria que a deixassem à vontade, que a deixassem desfrutar da sua própria autonomia. E que melhor oportunidade para tal do que isto, um lugar de professora numa aldeia tão pequena que quase não merecia ter esse nome? Apenas dez pessoas. Como podia uma comunidade tão minúscula sobreviver?

Era definitivamente interessante e também, Una assim o esperava, revigorante, para o corpo e a alma. Na realidade, conseguir o lugar tinha sido extremamente fácil. Alguns dias depois de Sara lhe mostrar o anúncio, Una tinha-se obrigado a ligar para o número lá indicado. A chamada fora atendida por uma mulher, que Una calculara estar na casa dos 30 anos, que vivia em Skálar e que parecia pertencer ao comité de educação da autoridade local.

— Fico muito satisfeita em saber que está interessada — dissera a mulher. — Para ser franca, ainda ninguém tinha telefonado a candidatar-se.

Una referira ser uma professora diplomada e com larga experiência.

— Mas por que razão pretende vir viver para cá? — perguntou então a sua interlocutora.

A pergunta deixara-a momentaneamente embatucada, sem saber o que responder. Tinha muitas razões: fugir à monotonia da

sua vida na cidade; fazer uma pausa na relação com Sara, ou melhor, deixar Sara dedicar-se à sua própria vida; distanciar-se algum tempo da mãe... e mais ainda do padrasto; mudar de ambiente. Contudo, a verdadeira razão era mais profunda.

— Gostava de experimentar viver no campo, apenas isso — acabou por responder à mulher, após uma pausa. Embora ainda não tivesse o lugar como garantido, Una sentia que as hipóteses eram boas. Antes de concluir o telefonema, perguntou: — Quantas crianças têm aí... para eu ensinar?

— Apenas duas, duas meninas. Com 7 e 9 anos.

— Só duas meninas? E precisam de uma professora?

— Sim, precisamos, de facto. A escola mais próxima fica muito longe para as levarmos e trazermos de carro, principalmente no inverno. São duas crianças amorosas.

E o momento chegara. Una embarcava na sua aventura, ali, em Kópavogur, ao raiar do dia: um inverno no campo, no extremo da Península de Langanes, entre desconhecidos e somente com duas alunas. Parecia levemente ridículo que a contratassem para dar aulas a uma turma tão pequena, como se isso mal justificasse o ordenado completo de um professor. Contudo, lá no fundo, sentia-se entusiasmada: havia algo de fascinante naquele projeto.

Salka, a mulher com quem tinha falado ao telefone, parecera-lhe uma pessoa acessível e gentil. Se todos os habitantes fossem como ela, era possível que a pequena aldeia a viesse a acolher de braços abertos. E até podia ser que se deixasse conquistar pela paisagem e pelas pessoas, de tal forma que não quisesse partir quando o contrato chegasse ao fim...

Una foi bruscamente arrancada do seu devaneio quando a mãe lhe deu um toque no braço e repetiu a sua questão, apesar de a filha já lhe ter respondido.

— Tens a certeza de que é só por um ano? — perguntava ela.

— Sim, apenas por um inverno. Não tenho intenções de viver tão longe de Reiquiavique para sempre — respondeu, dirigindo à mãe um sorriso tranquilizador.

— Pois é, Una, tenho a sensação de que o pássaro voou finalmente para fora do ninho.

— Que disparate, mãe... Eu já abandonei o ninho há anos.

— Sim, querida, só que tu nunca estiveste tão longe. Sempre nos apoiámos uma à outra. Só espero que não te seja muito difícil estares lá sozinha sem poderes vir ter comigo e conversarmos sobre... bom, sobre o passado.

De súbito, ocorreu a Una que a mãe se referia aos seus próprios receios, afinal; que aquela separação podia ser mais penosa para ela que Una imaginara.

A jovem abraçou a mãe com força, e as duas ficaram imóveis por momentos, sem que nenhuma delas falasse.

Não havia mais nada a dizer.

Até então, ele nunca tinha matado um homem.

Jamais estivera perto disso, malgrado a sua reputação sinistra. Era uma reputação destinada a instilar respeito e medo, e ele cultivava-a deliberadamente por ter uma posição a manter. Muitas pessoas não teriam dúvidas sobre a sua capacidade para matar, sendo provável que algumas achassem até que ele já o tinha feito, tendo em conta todas as vezes em que ele tivera de recorrer à violência. Embora a aparência não o sugerisse, era forte e sabia lutar.

E, hoje, ele tinha-o feito finalmente. Tinha matado um homem.

A sensação era estranha. A princípio, tudo o que sentira fora a adrenalina a pulsar-lhe nas veias, dizendo-lhe que, dali em diante, não havia nada que ele não pudesse fazer. Demonstrara ser capaz de acabar com uma vida, de ficar a ver um homem soltar o último suspiro, saboreando o poder de saber que poderia intervir a qualquer momento para o salvar.

Tinha trazido a espingarda de canos cerrados. Era tarde, e a noite estava escura, húmida e fria. Batera violentamente à porta, sabendo ser quase certo que ninguém iria ouvi-lo. O bloco de apartamentos pouco mais era que um edifício em construção, o primeiro prédio inacabado de uma selva de betão. Mais ninguém tinha vindo morar para ali; a sua visita não teria testemunhas. A vítima — a qual não merecia ser designada como vítima — constatara, obviamente, o que estava a acontecer

e tinha tentado defender-se. Embora ele sentisse o impulso de disparar sobre o homem, a espingarda viera apenas como instrumento de intimidação, e não de morte. As repercussões de um tiro de espingarda seriam demasiado sórdidas.

Em vez disso, fizera girar a arma e investira com a coronha, atingindo o homem e deixando-o inconsciente e acabando com a sua vida a seguir, com as próprias mãos.

Não tinha sido assim tão difícil. Não tinha mesmo. E ele vira-se obrigado a fazê-lo. Não lhe restava outra escolha.

Agora, o pobre diabo jazia no chão da sua própria sala de estar, e ele teria de o tirar de lá e fazer desaparecer. Essa era a sua tarefa para aquela noite.

Durante alguns instantes, deixou-se ficar, observando o corpo sem vida. Enquanto o fazia, sobreveio-lhe o pensamento de que tudo tinha mudado: ele tinha ultrapassado uma linha qualquer, cometido um ato que não podia ser desfeito. Teria de aprender a viver com isso. Daí em diante, passaria a ser um fugitivo, pois tinha a absoluta intenção de jamais ser apanhado. Nunca lhe passaria pela cabeça o contrário. Havia pessoas que sabiam daquela visita, mas estavam do seu lado. Tinham sido elas a pedir-lhe que resolvesse o problema. A polícia não lhe suscitava grande apreensão, desde que conseguisse desfazer-se do cadáver sem deixar vestígios. O DIC, o Departamento de Investigação Criminal da Islândia, não tinha muita experiência com crimes graves. Era possível que o interrogassem, dadas as suas ligações à vítima, talvez o encarassem até como suspeito durante algum tempo, mas ele podia viver com isso.

Por sorte, não havia sangue. Um golpe limpo. Além disso, estava escuro. De facto, os dias eram sempre escuros, à medida que novembro se aproximava do fim. Ele só tinha de levar o corpo para o carro e encontrar um bom sítio onde o largar. Ocorriam-lhe um ou dois sítios convenientes, mas o mais certo seria vir a precisar da ajuda de um dos seus compinchas.

Por momentos, perguntou-se se alguém iria dar pela falta do morto. Ele teria ainda os pais vivos, ou irmãos, talvez? O homem, esse pulha traiçoeiro, nunca tivera muitos amigos. Não, ninguém iria dar por falta dele.

Nesse momento, a campainha da porta soou.

III

Una deixou escapar um suspiro de alívio quando, depois de dois dias a conduzir por terrenos acidentados, chegou finalmente à aldeia piscatória de Thórshöfn, na costa nordeste, a porta de entrada para a Península de Langanes e a última povoação antes de Skálar. A aldeia, em si mesma, parecia bastante pequena e remota: pouco mais do que meia dúzia de casas espalhadas ao longo de uma ampla baía de areia escura, uma impressionante igreja de telhado branco e um pitoresco porto com algumas sumacas coloridas. Encontrou um quiosque aberto, onde parou para comer qualquer coisa leve e tomar uma bebida, aproveitando a ocasião para voltar a consultar o mapa. A partir dali, restavam-lhe 30 quilómetros de viagem ao longo da misteriosa Península de Langanes, um lugar tão afastado de Reiquiavique que Una não conhecia alguém que o tivesse visitado. Para chegar a Skálar, teria de seguir até Fontur, o promontório que ficava no extremo da península.

Foi com uma sensação de angústia que iniciou a última etapa da sua jornada, como se não estivesse suficientemente segura de querer chegar ao seu destino, dizendo insistentemente a si própria que ainda estava a tempo de voltar para trás. O céu tinha-se toldado, e uma camada ininterrupta de nuvens cinzentas ocultava o Sol e exercia uma forte pressão sobre o seu espírito. A piorar

a situação, o seu velho *Toyota Starlet* amarelo, perfeitamente viável para as voltas na cidade, revelava uma incapacidade desesperante para lidar com o caminho irregular de terra batida. A paisagem também não lhe trazia grande consolo: a terra, despida de árvores, era desoladora e incaracterística, nada mais tendo do que erva e pedras, embora, a determinado momento, tivesse passado por uma bonita igreja campestre, de paredes revestidas com chapas de ferro, brancas e onduladas, e um telhado vermelho. A única coisa que Una sabia sobre Langanes era que, durante o Grande Inverno Gelado, em 1918, um urso polar tinha dado à costa, vindo do mar gelado, e quase matara um homem. Quem lhe contou a história fora Sara. Mais uma curiosidade que a sua amiga aprendeu com a reportagem acerca de Skálar.

Durante a maior parte do percurso, a estrada bordejava a linha da costa, passando ao lado de praias de cascalho acinzentadas, cheias de grandes pilhas de madeira flutuante, sem cor, que ninguém parecia estar interessado em colecionar. Aqui e além, o reflexo branco de uns quantos cisnes bravos refletia-se por entre as ondas. Contudo, a atenção de Una teve de passar a concentrar-se exclusivamente na estrada, que piorava a cada momento, deixando-a verdadeiramente alarmada. Embora a jovem envidasse todos os esforços para contornar os buracos maiores, acabou fatalmente por passar por cima de um deles, com um solavanco terrível.

Desligou o motor e deixou-se ficar imóvel, a tremer, certa de ter tido um furo e preparando-se mentalmente para ir mudar o pneu. No entanto, ao sair para inspecionar os pneus, todos lhe pareceram bem. Aliviada, Una deteve-se a inspirar uma lufada de ar fresco e salgado, aproveitando para dar uma nova olhadela ao mapa e certificar-se de que seguia a rota correta.

No entanto, ao ligar novamente o motor e retomar a viagem, apercebeu-se imediatamente de um ruído estranho, de algo a chocalhar. Receosa de que tivesse que ver com o tubo de escape ou a caixa de velocidades, Una prosseguiu o seu caminho sem nunca passar da segunda, tentando desesperadamente evitar que o carro

se avariasse naquela reta final. A paisagem tornou-se mais acidentada, havendo agora penhascos a agigantarem-se a partir do mar, acabando finalmente por surgir uma longa e estreita faixa de terra no horizonte, presumivelmente, o famoso Fontur. Atrás dele, nada mais havia do que o imenso oceano vazio. Ao chegar a um entroncamento, cuja placa indicava o caminho para Fontur à esquerda, e para Skálar, à direita, Una experimentou novamente uma sensação de angústia que a gelou. *Não quero viver aqui*, dizia a si mesma. Nesse momento, porém, não havia maneira de ela voltar para trás, principalmente estando o carro a mover-se com dificuldade e o ruído a intensificar-se de forma alarmante.

Ao aproximar-se de Skálar, um nevoeiro denso instalou-se inesperadamente, obscurecendo a paisagem e fundindo o mar e o céu. Una tinha a sensação de estar a penetrar numa pintura impressionista, dentro da qual o seu destino retrocedia à medida que se aproximava dele – como se acesse a um vazio no qual o tempo deixava de fazer o mais pequeno sentido. Talvez isso fosse verdade, de alguma maneira, talvez o tempo fosse menos importante, ali; naquele ponto, onde as pessoas viviam em harmonia com a natureza, não importava tanto o dia em que se estava ou a hora que era.

Quando, por fim, chegou a Skálar, a minúscula aldeola estava rodeada por uma névoa compacta. Una tinha agora a impressão de estar num conto popular, um conto sombrio e sobrenatural que se desenrolava num mundo indefinido e volátil. Não havia nada de sólido ou real em tudo quanto a rodeava. Tal como não havia nada de natural na decisão que tomara em mudar radicalmente a sua vida e comprometer-se a passar ali quase um ano, nas franjas do mundo habitável. Una, porém, tinha de encarar as coisas com otimismo. Não lhe adiantava nada dar demasiada importância às primeiras impressões.

Lembrando-se agora de que, um pouco mais atrás, tinha passado junto a um ponto de luz, surgiu na mente de Una a quinta que, segundo a reportagem que Sara vira na televisão, se considerava já parte da aldeia. Naquele momento, conseguia avistar os contornos

escuros das casas a assomarem por entre o véu ondulante da bruma pardacenta. Se não o esperasse já, poderia pensar estar perante uma aldeia-fantasma. No entanto, havia pessoas a viver ali, e Una sabia-o. Começava a ter a sensação nítida de estar a ser observada; que, aqui e ali, entre as cortinas, havia olhos à espreita, curiosos em saber quem era a recém-chegada.

Devia ser apenas uma ilusão criada pelo nevoeiro, pensou ela. Do mesmo modo, o nevoeiro era igualmente responsável por lhe infundir a ideia de que o lugar estava deserto, de que ninguém o habitava há várias décadas. É claro que isso acontecia por vezes, quando aldeias inteiras se sumiam, depois de o peixe acabar e de a população fazer as malas e partir. No entanto, dez almas obstinadas haviam resistido, e Una estava prestes a aumentar esse número em uma unidade. Agora que já o tinha visto com os próprios olhos, não tinha qualquer intenção de se instalar permanentemente naquele lugar. *Um inverno*, dizia Una para si própria, e depois voltaria de novo para o sul, com a experiência a enriquecê-la e tirando partido daquele tempo para dar um rumo certo à sua vida.

Estacionou o carro à entrada da aldeia, junto a outros veículos ali parados. Então, havia vida ali, afinal. A aldeia só podia percorrer-se a pé. Obtivera uma boa descrição da casa de Salka, na qual iria ficar alojada no sótão: uma moradia de dois pisos, branca e atraente, era o que lhe tinham dito, datando do virar do século. Como por acaso, a primeira casa que se apresentou perante os seus olhos, logo a seguir ao parque de estacionamento, enquadrava-se naquela descrição. Ficava um pouco recuada em relação ao mar. A bruma densa agitou-se sob o efeito da brisa, deslocando-se e abrindo sulcos que deixavam entrever um conjunto de novas casas aglomeradas junto à beira da água. À sua direita, reparou num edifício particularmente imponente, o qual dominava a povoação num ressalto do terreno, e vislumbrou a seguir uma bela igreja em madeira, já antiga, mais próxima do mar. Não estaria necessariamente à espera de algo semelhante, numa comunidade tão pequena como aquela.

Una saiu do carro e encaminhou-se para a casa de Salka, a qual era dotada de grandes janelas, fazendo jus ao tempo em que fora construída. Nesse momento, não teve dúvidas de que estava a ser observada. As cortinas de uma das janelas do piso térreo moveram-se, e quando Una ficou expetante, a antever que seria Salka quem ia aparecer na abertura, acabou por descobrir com surpresa que o rosto atrás do vidro seria o de uma menina, com uns 7 ou 8 anos, de cabelo comprido e claro.

Mesmo com a obscuridade a embotar-lhe a visão, Una teve a certeza de que a criança a observava.

Eram dez horas da noite. As crianças deveriam estar levantadas até àquela hora?

Una acenou à menina com um sorriso, contudo, no momento em que ela erguia a sua mão, o pequeno vulto ocultou-se da sua vista atrás da cortina.

Salka não lhe referira que tinha uma filha.

Dirigiu-se à porta de entrada, lentamente, sentindo-se a enregelar. Não descobriu a campainha, apenas um pesado batente com um aspeto funcional: uma cabeça de leão e uma argola. O som que fez ao bater com ele na porta em torno da aldeia silenciosa, e só aí Una reparou na tranquilidade que ali havia por comparação a Reiquiavique. Esquecendo o marulhar das ondas junto à costa, o silêncio era absoluto... pelo menos, até ela o quebrar o com as suas pancadas.

Ficou à espera, sentindo alguma apreensão face ao encontro com Salka e a sua estadia ali. No minuto seguinte, os céus abriram-se sem avisar, e o silêncio foi dissipado por um aguaceiro súbito. Sem dispor de um abrigo, Una deixou-se ficar onde estava, tentando abstrair-se da chuva, embora voltasse a utilizar o batente apenas para jogar pelo seguro. Desta vez, as pancadas tinham um som abafado, mal se conseguindo sobrepor ao tamborilar da chuva.

Teriam decorrido poucos segundos, provavelmente, entre a altura em que o aguaceiro desabara sobre Una e a porta se abriu,

contudo, bastou esse intervalo de tempo para ficar completamente ensopada.

— Una? Santo Deus, entra — disse a mulher no limiar. — Ora vejam só! Não estava à espera que fosse chover esta noite, e muito menos desta maneira.

Assim que Una ficou debaixo de teto, a mulher estendeu-lhe a mão.

— Olá, eu sou a Salka, é claro — apresentou-se ela. — Prazer em conhecer-te.

— Olá. Muito prazer, também — retorquiu Una, tentando parar de bater os dentes. Que receção... escuridão, frio e chuva... Esperava ardentemente que aquele sítio não parecesse tão lúgubre na manhã seguinte. Nesse momento, tudo o que ela queria era dar meia-volta e regressar a Reiquiavique o mais depressa possível.

Dentro de casa, no entanto, o ambiente era quente e acolhedor. O átrio de entrada era invulgarmente grande, tornando-se logo evidente que vivia ali uma criança, a atender aos sapatos e abafos. Salka parecia ter cerca de 35 anos, conforme Una calculara a partir da conversa telefónica. Tinha o cabelo negro e o seu rosto magro era difícil de descodificar. Una achava-a muito bonita.

— Põe-te à vontade — convidou Salka. — Deixa o casaco pendurado neste cabide, para já. Mais tarde, podes levá-lo para cima. Queres tomar um café?

— Sim, por favor — respondeu Una, tentando esboçar um sorriso. Agora era demasiado tarde para ela voltar para trás, e o café ia certamente elevar-lhe o moral, mesmo que talvez não fosse sensato tomá-lo a horas tão tardias.

O acesso à sala de estar fazia-se a partir da entrada. A sala estava revestida de estantes cheias de livros e de fotografias, o soalho de madeira e as traves no teto tinham um aspeto atraente, e havia quadros espalhados pelas paredes. Era fácil a Una imaginar aquela sala com um aspeto idêntico nas décadas de 1920 e 1930. Era como regressar ao passado.

Não havia sinais da menina, embora ela tivesse estado atrás das cortinas do piso de entrada.

— Não sabia que tinhas uma filha — observou Una, instalando-se numa cadeira, já que não queria sentar-se no elegante sofá antigo com as roupas molhadas.

Ao ver o ar admirado de Salka, explicou:

— Acabei de a ver à janela agora. Estava a olhar para mim — disse, com um sorriso.

— Ai sim? — retorquiu Salka. — Pensava que ela tinha ido para a cama. Prometeu-me que o faria. Mas a minha filha está sempre pronta a fazer marotices. Chama-se Edda. — A mulher elevou a voz, para chamar: — Edda, meu amor, estás acordada? — Não houve resposta. — Deve ter voltado para a cama. É difícil manter algum tipo de regras aqui no campo. Somos apenas as duas a viver nesta casa e, como sabes, só existem duas crianças na aldeia, pelo que elas são tratadas como adultas e fazem o que lhes apetece. A Edda tem 7 anos. A outra menina, a Kolbrún, tem 9. — Salka ainda não se tinha sentado, continuando a pairar por ali. — Elas têm de brincar uma com a outra, embora, para ser sincera, duvido que elas fossem amigas se vivêssemos numa comunidade maior. Não é apenas a diferença de idades. Elas também têm maneiras de ser distintas. A Edda é sociável e afoita, sempre pronta a sair para toda a parte, sem nunca parar em casa, comendo aquilo que encontra em casa dos vizinhos e até na quinta. Todos gostam dela, se me permites a imodéstia. — Baixou ligeiramente o tom da voz. — A Kolbrún é... um pouco mais reservada, não tão sociável.

Una teve a impressão de que alguma coisa ficava por dizer.

— Seja como for, vou preparar o café. — Salka saiu da sala.

Una permaneceu onde estava, aproveitando a oportunidade para fechar os olhos por momentos e descansar, após a longa e extenuante viagem. Durante os próximos meses, cabia-lhe encarregar-se da educação daquelas duas meninas, Edda e Kolbrún. E, a julgar pela descrição de Salka, a qual não poderia deixar de ser parcial, Una ia ter mais facilidade em lidar com Edda,

embora não se pudesse permitir pensar assim, naturalmente. Tinha esperanças de que as duas a ajudassem a adaptar-se às novas circunstâncias.

O som da voz de Salka fê-la estremecer. Devia ter passado pelo sono.

— Queres leite ou açúcar?

— Tomo-o simples, obrigada — respondeu Una, levemente constrangida por ter sido apanhada a dormirar.

Salka passou-lhe a chávena para as mãos e sentou-se a seguir.

— Então, o que te parece? — inquiriu ela. — Com base no que viste até agora? — Salka sorria. — É certo que não podes dizer muita coisa já que acabas de chegar, mas há alturas em que conseguimos logo fazer uma ideia sobre um sítio.

Una ponderou na sua resposta para escolher as palavras certas. A verdade é que se sentia profundamente desmoralizada. Se calhar, era apenas a viagem que a deixava exausta, além da ansiedade que sentia em relação ao carro. Tinha de dar uma oportunidade àquele lugar; responder com um espírito crítico não seria apropriado.

— Gosto realmente do que vi até agora — disse ela. — É claro que é um sítio bastante remoto e tudo o mais, no entanto, estou convencida de que vou gostar de estar cá. Tenho a certeza de que há uma mão-cheia de boas pessoas a viver aqui.

A réplica de Salka surgiu com uma lentidão desconcertante, e, ao ouvi-la, Una quase teve a certeza de que ela a proferia contra a sua vontade.

— Sim. Sim, uma... mão-cheia de boas pessoas.

Havia um tom estranho na voz dela.

Em silêncio, Una admoestou-se severamente por estar a tirar demasiadas ilações.

— Há quanto tempo vives aqui com a tua filha? — indagou ela, para mudar de assunto.

— Há ano e meio. Ainda somos recém-chegadas, na verdade. Os restantes habitantes da aldeia vivem cá aqui há décadas.

Alguns deles passaram a vida inteira na aldeia. É uma comunidade antiga e enraizada, que ninguém pretende abandonar um dia. Foi por isso que fiquei contente por teres vindo. — Salka voltou a sorrir.

— É verdade, saber como é viver aqui deixa-me bastante entusiasmada. Deve ser muito relaxante. Para mim, isto é uma mudança radical. É bom deixar para trás a lufa-lufa diária da cidade. Em Reiquiavique, as pessoas andam num rebuliço, numa correria constante. — *Comigo a ocupar o lugar da retaguarda*, gostaria Una de acrescentar. Num sítio daqueles, o dinheiro teria certamente menos importância. As pessoas não estavam tão obcecadas em possuir o automóvel mais recente, a televisão de última geração, a melhor aparelhagem de som ou de vídeo. Una duvidava até que houvesse algum sítio onde fosse possível alugar um vídeo.

— Sim — concordou Salka. — A aldeia é muito sossegada, o que é ótimo se é isso o que de facto pretendes. Caso contrário, tornava-se difícil viveres cá, acho eu. No entanto, a mim, agrada-me. Habituei-me a isto, embora eu seja uma pessoa pacata. Uma alma antiga, poder-se-ia dizer.

— Em que é que trabalhas? Peço desculpa, porque já o devia saber, mas só me lembrei de te perguntar agora. — Una fez um esforço para conter um bocejo, sentindo estar a ser difícil vencer a fadiga. — Estás ligada à escola, não é? Julgo que me disseste que pertencias à autarquia local.

— Bom, «escola» é um pouco exagerado. As aulas são dadas em minha casa ou na casa dos pais da Kolbrún, alternadamente. A comunidade é demasiado pequena para justificar a existência de uma escola autónoma. Mas sim, pertença à autarquia local, a qual abrange Skálar e a comarca vizinha. Fui eu quem insistiu em colocarmos um anúncio a pedir um professor qualificado, alguém que tivesse experiência de ensino. O resto das pessoas estava perfeitamente de acordo em continuarmos a ter aulas em casa, mas isso não me deixava satisfeita. Temos o dever de dotar as crianças de uma educação condigna. Elas não têm de ser prejudicadas pelo facto de viverem aqui.

— Nesse caso, acho que tenho de te agradecer por este emprego.

— É melhor esperares, antes de me agradecer — retorquiu Salka, com um arquear irónico das sobrançelas. — Deixa passar uma ou duas semanas até tirares uma conclusão...

— Ok, está combinado... — Una deu um gole no café. — A propósito, tens a certeza de que não existe problema em eu ficar aqui? Posso ficar a viver noutra sítio, se isso for melhor; quero dizer, melhor para ti e para a tua filha.

— Não, vai ser bom ter-te aqui. É o erário público que paga a tua renda, o que é muito bom para mim, pois isso representa algum dinheiro extra que vai entrar todos os meses. A casa é demasiado grande para as duas, mas esta é a primeira vez que tenho a possibilidade de arranjar um hóspede. Como deves imaginar, as pessoas não formam exatamente uma fila à espera de arrendar um quarto em Skálar.

— Nesse caso, como é que tu e a tua filha vieram parar aqui? Foi a tua ligação à autarquia que te levou a mudares-te para cá?

Salka ri-se.

— Não diretamente. Herdei esta casa da minha mãe. Ela foi criada aqui, mas depois mudou-se para Reiquiavique, e a casa esteve vazia durante vários anos. No entanto, a casa é tão bonita, que resolvi tentar viver aqui, pelo que vendi tudo e mudei-me para cá com a Edda. Custa-me uma pequena fortuna restaurá-la, mas estou a conseguir fazê-lo pouco a pouco. — Após um momento, acrescentou: — Na verdade, sou escritora.

— A sério? — observou Una, mas arrependendo-se logo da sua reação, achando que talvez devesse ter reconhecido o nome de Salka.

— Sim, já passaram três anos desde a saída do meu último livro, mas tenho outro na forja que vai sair em breve.

— Peço-te desculpa, mas receio não ser uma grande leitora — confessou Una, ficando imediatamente apreensiva, já que aquilo não soava muito bem ao ser dito por uma professora. — Quero dizer, não leio muitos romances.

PRECISA-SE DE PROFESSOR NO FIM DO MUNDO.

Tudo o que Una quer é ser professora, mas, até ao momento, tem sido incapaz de manter um emprego em Reiquiavique. Sem poupanças, sem vida amorosa e assombrada pelo suicídio do pai, a perspetiva de passar mais um inverno fechada no seu minúsculo apartamento parece-lhe insuportável. Assim, fazer as malas e mudar-se para Skálar, uma pequena aldeia piscatória com dez pessoas situada no extremo norte da Islândia, parece-lhe ser um baixo preço a pagar pela hipótese de endireitar a sua vida e voltar a ensinar. No entanto, à medida que a escuridão de um inverno rigoroso vai caindo sobre a aldeia, Una dá por si a passar cada vez mais tempo no pequeno sótão que alugou, a beber para esquecer a solidão, e assaltada por aparições de uma menina de vestido branco a cantar uma canção de embalar, que, noite após noite, a fazem acordar sobressaltada.

E quando uma tragédia repentina traz ao de cima algo que os habitantes de Skálar procuram esconder a todo o custo, a inquietação de Una leva-a a desenterrar uma verdade que se manteve oculta durante gerações.

Conheça os outros livros do autor:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Policial

penguinlivros.pt
[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896233150



9 789896 233150 >